

## **Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: Rapsódia de Agosto<sup>1</sup>**

### **A hypothesis on transgenerational traumatic elaboration: Rhapsody of August.**

**Roaldo Naumann Machado<sup>2</sup>**

**Resumo:** O autor, baseado em alguns conceitos de Freud, sobre masoquismo erógeno originário, espacialidade psíquica e projeção, dor e trauma, compulsão à repetição, comunicação psíquica inconsciente e, acrescentando outros conceitos de autores como Lacan, Winnicott, Aulagnier e Green, analisa o filme de Akira Kurosawa, Rapsódia de Agosto. Propõe, baseado nestes conceitos, a hipótese de uma elaboração traumática transgeracional, resgatando o conceito freudiano de uma "NACHTRÄGLICHKEIT" (a posteriori) através das gerações.

**Abstract:** The author analyses the movie by Akira Kurosawa "Rhapsody in August", based on some of Freud's concepts about original erogenous masochism, psychic spatiality and projection, pain and trauma, compulsion to repetition and unconscious psychic communication. He also adds some concepts of authors like Lacan, Winnicott, Aulagnier and Green. Based on these concepts, he proposes the hypothesis of a kind of transgenerational traumatic elaboration rescuing the freudian concept of a "NACHTRÄGLICHKEIT" (deferred action) through generations.

**Descritores:** Freud, complexo de Édipo, fases libidinais, narcisismo e afetos.

**Keywords:** Freud, Oedipus complex, phases of the libido, narcissism and affect.

---

<sup>1</sup>Trabalho discutido em apresentação na Jornada do Centro de Estudo Luis Guedes em 2002 e reelaborado em várias discussões. Porto Alegre 2003.

<sup>2</sup> Psiquiatra e Analista Didata da SPPA, Membro Fundador do CIPT.

## **1) Introdução**

O presente trabalho baseia-se numa mesa redonda promovida pelo Centro de Estudos Luis Guedes na jornada de psiquiatria dinâmica no ano de 2002. Procurarei ampliar e aprofundar algumas reflexões apresentadas naquela ocasião.

Revedo o importante trabalho de Freud, *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926d), deparei-me com uma citação (p.144)<sup>3</sup> onde o autor reflete sobre uma questão permanente para a ciência, a busca de uma "causa última" como determinante da doença. Transcrevo aqui a citação de Freud: *"É muito de se lamentar que sempre permaneça insatisfeita a necessidade de achar uma "causa última" unitária e apreensível da condição neurótica. O caso ideal, que provavelmente os médicos sigam ansiando, todavia hoje, seria o bacilo, que pode ser isolado e obter-se um cultivo puro e, cuja inoculação em qualquer individuo produziria uma idêntica afecção. Algo menos fantástico: a presença de substâncias químicas cuja administração produzisse ou cancelasse determinadas neuroses. Porem não parece provável que possam se obter tais soluções do problema. A psicanálise conduz a expedientes menos simples, pouco satisfatórios..."*.

Não é para menos que a própria psicanálise esqueça, de tanto em tanto, esta advertência de seu descobridor e iluda-se com o suposto da apreensão de uma "causa última". A reflexão freudiana sobre o "trauma psíquico" nos aponta para esta direção. Todos sabemos que a teoria traumática foi também laboriosamente perseguida por Freud. Basta lermos com atenção seus Estudos sobre a Histeria (1895d) para nos

---

<sup>3</sup> As referências ao texto freudiano correspondem à edição Argentina das Obras Completas de Sigmund Freud da Amorrortu Editores e a tradução para o português é de minha responsabilidade.

depararmos com a incessante busca da “causa última”. A complexidade da mente humana frustrou-o em inúmeras situações. Os constantes avanços da teoria psicanalítica, como por exemplo, a constatação da universalidade do complexo de Édipo, a teoria das organizações baseada nas fases libidinais, a teoria do narcisismo, a compreensão da incomensurabilidade do inconsciente revelada pelas teorias da organização do aparelho psíquico, o papel da ontogenia bem como da filogenia na formação da mente humana, a transmissão psíquica entre indivíduos, grupos e gerações são apenas algumas das tantas situações que fizeram Freud recuar das suas pretensões em busca da “causa última”. Assim este trabalho tenta abordar um novo prolongamento, outra extensão na tentativa de compreensão deste “continuum” que é o fenômeno humano: a transmissão e elaboração de traumas através dos grupos e gerações, sem jamais perdermos de vista que novas províncias do conhecimento *“tal como acontece a quem navega ao longo da costa sem encontrar tempo para sua viagem, porque, por trás de cada promontório de duna argilosa que ele conquista, pontas de terra inesperadas e novas distâncias continuam a negaceá-lo”* (Thomas Mann).

## **2) Algumas reflexões**

Para a compreensão do que proponho, alguns conceitos se fazem necessários. Apresento-os de uma forma um tanto quanto desordenada para, ao longo do trabalho tentar integrá-los dentro do tema proposto.

O primeiro refere-se a vários textos freudianos e encontra-se sintetizado no capítulo XI do trabalho Inibição, Sintoma e Angústia (1926d). Freud pergunta-se o que determina que uma dor, psíquica ou

somática, encontre uma situação de impossibilidade de elaboração através do que denomina de mobilidade do ego. O autor assim se expressa: *"Seja que o ego vivencie uma dor que não cessa, noutra uma estase de necessidade que não pode achar satisfação, a situação econômica é, em ambos, a mesma, e o desamparo motor encontra sua expressão no desamparo psíquico"*.

Neste mesmo texto (1926d p.125-6) Freud, tratando da questão dos afetos, propõe uma diferença entre aqueles que causam o desprazer: a angústia, a dor e o luto. Se levarmos em consideração a diferenciação já estabelecida neste mesmo trabalho entre angústia traumática e angústia sinal, o referido afeto é, de acordo com Freud, composto de três fragmentos assim enumerados: 1) um caráter desprazível específico, 2) ações de descarga e 3) percepções destas situações descritas. Pondera então que tanto na dor como no luto os pontos assinalados nos itens 2 e 3 acham-se ausentes ou, no máximo se apresentam como conseqüências ou reações frente ao desprazer descrito no item 1. O interessante, para termos uma idéia de como Freud elaborava seus conceitos através dos anos é lermos com atenção as secções 9,10,11,e 12 do seu Projeto de Psicologia escrito e arquivado em 1895(1950a). Nestas escreve sobre o caráter acumulativo das tensões e da necessidade de descarga das mesmas que encontra a via muscular e glandular como forma de alívio. Também refere que, de uma forma semelhante à dor, grandes quantidades de energia invadem o sistema causando desprazer em □, isto é, no sistema da consciência. Ao mesmo tempo em que esta situação se processa, ocorre *"uma inclinação para a descarga, que pode ser modificada segundo certas direções"* e, finalmente *"uma facilitação entre esta descarga e uma imagem-recordação do objeto excitante da dor"*.

Freud, portanto, através destas considerações e em muitos momentos do referido trabalho (1926d), como em outros textos, nos propõe diferenciações entre conceitos nem sempre fáceis de serem feitas levando-se em conta as complexidades metapsicológicas. Assim são tratados os conceitos de angústia, dor e luto. A angústia, que se acompanha de uma descarga, de uma percepção e conseqüentemente, de uma possibilidade de representação da mesma, observamos uma tendência projetiva, que tem na própria descarga um esboço rudimentar deste mecanismo, pode ser descrita desta maneira: um excesso de estímulo de origem somática é projetado do interior para a superfície corporal encontrando nas vias motora e humoral os canais necessários para a descarga e o conseqüente alívio das tensões. Tanto os movimentos de descarga, como as sensações de alívio, associam-se por simultaneidade ao caráter de desprazer interno sentido, criando o registro mnêmico da angústia (Freud 1900a, 1950a). Está claro que estamos descrevendo os registros completos do desprazer e seu respectivo alívio. Trata-se, portanto, de uma tentativa rudimentar de expulsão do excesso de tensão endógena desprazível com um rudimento de restauração do equilíbrio psicossomático, como a pouco foi dito. No trabalho intitulado "A negação" (1925h), Freud divagando sobre a questão dos juízos, denomina tal ato de "*Ausstossung*" (expulsão), já com representabilidade psíquica, isto é, procurando tornar o desprazer propriedade do não-Eu. Este movimento tem evidente parentesco, do meu ponto de vista, com o desinvestimento libidinal de uma percepção desagradável, também descrito por Freud, relacionado com defesas mais primitivas usadas pelo Eu diante de determinadas circunstâncias, tais como a "*Verwerfung*" (desestimação ou forclusão) e a "*Verleugnung*" (recusa ou desmentida). Nestas situações descritas, o Eu procura restabelecer o princípio do prazer fazendo uso da projeção.

Um aspecto interessante a ser ressaltado aqui é a diferenciação entre os três afetos descritos. A angústia preenche os três pontos descritos tanto no trabalho de 1926(d) como no Projeto (1950a). Nas descrições da dor e do luto, Freud descreve que a descarga, bem como a percepção desta última, está ausente. Se relacionarmos que tal registro somente aparece, no dizer de Freud, como consequência ou reação frente ao desprazer (1926d), pode ser perfeitamente lógico supormos que a impossibilidade que tais reações se desenvolvam se deva à incapacidade de registro do objeto causador do desprazer, item este assinalado em terceiro lugar no Projeto. Assim esta facilitação ausente entre a descarga e o objeto excitante da dor impede o registro de tal objeto, dificultando decisivamente a expulsão do mesmo como não-Eu e, portanto, os processos projetivos que daí decorrem. Voltaremos um pouco mais adiante sobre este tópico, pois encontramos uma via de reflexão sobre a impossibilidade de elaboração de certas dores e lutos.

Portanto, para Freud, a angústia é uma tentativa de por em funcionamento nosso aparelho psíquico em direção do princípio do prazer ou da realidade. Mesmo na situação descrita como angústia traumática, onde o objetivo prevalente é apenas a descarga, nota-se um rudimento de direção neste sentido. Portanto a transformação de uma libido narcisista ou ligada em libido livre ou desligada tem a importantíssima função tão necessária para a conservação da vida que é a do investimento objetal. Claro está, que quando prevalece o modelo traumático o registro é o da descarga e pouca ou nenhuma conservação da vida se faz. Porém quando a libido investe o objeto necessário para que a ação específica se faça presente, registra-se o estado de desejo onde a representação objetal encontra-se incluída (Freud 1950a, secção 13). É o que Freud, neste mesmo Projeto, denomina de vivência de

satisfação, tão necessária para o estabelecimento das primeiras alucinações. Sem estes passos tão iniciais, a transformação da angústia traumática em angústia sinal não se processará e, este alerta para o Eu que se sente impelido em busca do objeto de satisfação para a resolução da ação específica e a conseqüente vivência de satisfação não se processará acarretando sérios perigos para a conservação da vida.

Pensamos, portanto, de acordo com Freud, que a angústia é uma condição "sine qua non" para que a defesa, seja esta última qual for, possa ser acionada. Eros exige o ruído da angústia para sua manifestação, ou melhor, o próprio ruído da angústia é uma evidência da presença de Eros, principalmente quando o Eu consegue a transformação da angústia traumática em angústia sinal. Recapitulando o que a pouco Freud propôs sobre a ausência de descarga e, portanto do registro da mesma nos processos de dor e luto, pensemos sobre a seguinte citação de Freud escrita na secção C, Angústia, Dor e Luto (capítulo XI, 1926d): "*O intenso investimento de anseio do objeto ausente (perdido), em contínuo crescimento devido ao seu caráter de não inibível, cria as mesmas condições econômicas da dor do lugar lastimado do corpo... A passagem da dor corporal à dor anímica corresponde à mudança do investimento narcisista ao investimento de objeto. A representação do objeto que recebe a necessidade de um elevado investimento narcisista, desempenha o papel do lugar do corpo investido pelo incremento do estímulo. A continuidade do processo de investimento e seu caráter não inibível produzem idênticos estados de desamparo psíquico*". Poderíamos acrescentar que este objeto investido por tal anseio não muda de sinal, como Freud propõe em Luto e Melancolia (1917e), não se transformando no objeto excitante da dor, tornando-se, portanto, desnecessária sua expulsão do Eu para o não-

Eu. Tais processos são silenciosos, destituídos do ruído da angústia, esta última tão fundamental para a preservação da vida. Assim este estado de investimento tão aumentado cria as condições econômicas do esvaziamento, de uma hemorragia de libido que não cessa, como Freud propõe no Manuscrito G (1950a) e é a condição básica do masoquismo, como veremos a seguir.

Tomemos agora, o conceito de masoquismo erógeno originário. Tentaremos relacioná-lo com a angústia, a dor e o luto. Freud elaborou-o de uma forma progressiva dando-lhe a configuração que dele temos somente após o desenvolvimento de sua última teoria pulsional. Esta última foi uma das principais propostas de seu trabalho Além do Princípio do Prazer (1920g). Neste texto Freud nos sugere a existência de uma forma de masoquismo primário que precederia o sadismo. A forma mais acabada do conceito é encontrada no seu trabalho O Problema Econômico do Masoquismo (1924c). Por que problema econômico? Exatamente porque Freud discute o destino das energias pulsionais dentro do Eu. Assim nos sugere a existência de uma forma primordial de enlace e de neutralização daquilo que já denominara no trabalho anteriormente citado (1920g), de pulsão de morte. A libido livre provinda do desequilíbrio homeostático ocorrido com o nascimento, por exemplo, liga-se a qualquer tipo de estímulo, mesmo o da dor e do desprazer, tese esta já exposta nos Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade (1905d). Esta situação descrita é denominada por Freud de masoquismo erógeno originário ou sadomasoquismo primordial e é o testemunho de uma forma originária de enlace pulsional, isto é, a primeira neutralização da pulsão de morte feita pela libido.

Ora, qual é o destino desta mistura libidinal primitiva? Um deles é a transformação no afeto da angústia, principalmente quando novos trabalhos de enlaces são necessários ao Eu para a preservação da vida.



Isto que advém do desequilíbrio interno projeta-se sobre a superfície corporal com dois fins: o registro do próprio afeto e, em segundo lugar, do encontro com o objeto com fins de torna-lo representável. Assim devido a esta projeção primordial teremos dois registros: o da descarga do afeto e o da percepção do objeto. Num texto que mais são anotações dispersas de Freud no declinar de sua vida, denominado de Conclusões, Idéias e Problemas (1941f), nos é sugerido que *"a espacialidade psíquica é projetada e a partir da mesma se cria o espaço exterior"*. Refletindo sobre que foi proposto, encontramos na projeção a condição "sine qua non" da formação do nosso aparelho psíquico representacional. A musculatura, através da agressividade, é o sistema que operacionaliza esta projeção. Como dissemos, a expulsão (*Ausstossung*) desta mescla libidinal primordial encontra dois registros, o do afeto e o do objeto. Desta forma o irrepresentável, usando-se a linguagem de Botella, encontram as condições de representabilidade. Libido e agressividade configuram através da projeção a condição de representação, marca fundamental constituinte do espaço psíquico e do mundo objetual. A erogeneidade sensorial cede espaço à representação através desta sempre contínua transformação de libido narcisista em libido objetual e desta, novamente em libido narcisista, agora já transcrita numa nova ordem lógica mais complexa. Resumidamente é o que nos propõe Piera Aulagnier quando nos fala que uma das funções mais vitais de Eros, sem a qual a vida se torna impossível, é a atividade contínua do representar. Como do ponto de vista de Freud na dor e no luto encontra-se ausente o registro da descarga projetiva, a não ser como conseqüência ou reação, perguntamo-nos se não estaria neste fato exatamente uma das condições fundamentais da impossibilidade de elaboração de certas dores e lutos?

Passemos, entretanto, nesta trama a outro t3pico. O que 3 a dor? Freud refere-se a ela no Projeto de Psicologia (1950a) como "*um raio que atravessa o sistema □ (o sistema das representa33es ) deixando no mesmo facilita33es permanentes.*" O sistema perderia assim sua capacidade de armazenamento e se tornaria perme3vel como o sistema de condu333o □, incapaz de reter as representa33es da mem3ria. 3 o que, na express3o de David Maldivsky (1986), corresponde ao "*registro da desconstitu333o dos registros*".

Se at3 agora consideramos principalmente a via progressiva onde o impulso proveniente de uma excita333o end3gena encontra o contexto para signific3-lo abrindo assim o espa3o ps3quico, passemos agora a considerar a via regressiva da desconstitu333o do ps3quico, do retorno ao irrepresent3vel ou, como querem alguns autores (Andr3 Green, 1993), a transforma333o no negativo. O trauma, de acordo com Freud, tem um parentesco muito pr3ximo com esta dor desconstituente dos registros e, devido a condi333es econ3micas an3logas, propicia a ruptura dos registros e um retorno a esta mescla pulsional primitiva que Freud descreve como masoquismo er3geno origin3rio, isto 3, o irrepresent3vel. A dor ainda, segundo Freud, especialmente se cont3nua, favorece esta estase libidinal t3xica cuja principal caracter3stica 3 a impossibilidade de proje333o a partir do Eu fragmentado. Eis as condi333es do desamparo descritas por Freud, onde o ps3quico degrada-se no f3sico aprofundando o abismo do irrepresent3vel. Winnicott (1963) fala-nos do colapso (breakdown) e Lacan (1949) do corpo dividido (*corps morcel3*). Assim, para estes autores, como complemento 3s teses freudianas, o contexto se oferece como uma "gestalt", sobre a qual os mecanismos projetivos encontram a complementa333o necess3ria. 3 sobre este ideal identificat3rio antecipado numa forma, os olhos da m3e para Winnicott (1967) e a imagem corporal para Lacan (1949) que o eu se estrutura e

se projeta. Assim a dor e o trauma criam, pela estase libidinal proposta por Freud, as condições da impossibilidade deste encontro, isto é, da estruturação do psíquico.

Observamos através deste breve relato o que chamamos de via progressiva da constituição dos registros psíquicos e de via regressiva de desconstituição destes mesmos registros. Fizemos uma hipótese de acordo com Freud de que a dor e o trauma ficam impedidos de elaboração psíquica pela impossibilidade de projeção desta mistura libidinal primitiva chamada por Freud de masoquismo erógeno originário. Esta situação decretaria o que também Freud denomina de estase tóxica. Restam ainda algumas considerações que poderemos fazer sobre o que Freud denomina de compulsão à repetição. Tal conceito foi formulado de uma forma mais ou menos acabada em Além do Princípio do Prazer (1920g). No capítulo II nos diz que se trata de uma tentativa frustrada e rudimentar de ligar o trauma. A libido investe a dor, porém, desafortunadamente, o Eu não consegue projetá-la. Deste fato decorrem duas complicações: a impossibilidade de criação do espaço psíquico, resultado do encontro entre a mescla pulsional primitiva com o objeto oferecido como uma "gestalt" acolhedora, portanto a ausência deste registro, bem como do próprio registro da angústia, e em segundo lugar a degradação regressiva da representação no abismo do irrepresentável que tem no masoquismo as suas manifestações mais rudimentares. Lembremos que para Freud (1920g, 1923b), o alarido, o ruído da vida é manifestação de Eros. Thanatos, a pulsão de morte é silenciosa. Em muitas situações de grave masoquismo nos defrontamos com este silêncio tão grave que aparece em algumas doenças psicossomáticas e noutras patologias semelhantes onde o corpo é um arremedo de significante.

Assim, a compulsão à repetição do trauma é uma débil tentativa de neutralização do referido trauma, de criação do espaço psíquico, de transformação do silêncio da pulsão de morte na angústia ensurdecadora, primeiro sinal da manifestação de Eros. Freud (1920g capítulo IV) nos diz o seguinte: "*Estes sonhos (traumáticos) esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo desenvolvendo a angústia cuja omissão constitui a causa da neurose traumática*". Surpreendemo-nos com o fato de que uma neurose traumática grave gera num indivíduo uma verdadeira impossibilidade de administração, de criação do espaço psíquico no qual a elaboração conduz ao seu produto final que é a palavra. Outro fato, porém, nos chama ainda mais a atenção: é de que a elaboração necessita muitas vezes de várias gerações para que possa ser processada. O aparelho psíquico deixa de ser individual e passa a ser grupal. O tempo e o espaço já não são patrimônios do indivíduo e sim, do grupo, no qual alguns indivíduos que nas gerações seguintes tem a incumbência de refazer o mito e contar as histórias, adquirem a capacidade de reintegrar na ordem humana do significativo aquilo que fora outrora irrepresentável.

Novamente é Freud que em algumas obras, dentre as quais cito Totem e Tabu (1913 14), Psicologia das Massas e Análise do Ego (1921c) e O Ego e o Id (1923b), nos fornece os caminhos iniciais para o que chamamos contemporaneamente de herança e transmissão transgeracional, conceituando a comunicação de inconsciente para inconsciente, a transmissão do superego através das gerações, comunicações por contágios grupais, a teoria dos lugares psíquicos, das identificações, etc. David Maldavsky (1996), no seu livro sobre as Linhagens Abúlicas, nos sugere outras formas de transmissão psíquicas, além das genéticas. Partindo do biológico, a imunidade seria uma delas. Os afetos, como matrizes pré-individuais, pertenceriam ao patrimônio

herdado como nos sugere Freud (1926d). Seriam também transmitidos de geração para geração padrões defensivos, como a repressão, a forclusão, a desmentida e outras defesas que organizariam os padrões individuais e grupais de uma determinada comunidade. Refere-se ainda a traumas tornados pesadelos pela geração seguinte e a uma forma particular de afeto, se é que nesta situação podemos falar em afeto, silencioso, abúlico que é testemunho da estase pulsional, isto é, do masoquismo como expressão fenomenológica da impossibilidade subjetiva de criar o espaço psíquico através das inúmeras e diferentes representações do corpo, da coisa da palavra, todas patrimônio da nossa herança cultural.

O presente trabalho é uma tentativa de pensar sobre a memória transgeracional e sua transmissão. Se olharmos com um pouco de atenção as memórias descritas acima, notamos que as mesmas se interpenetram e que são interdependentes. O que, porém, nos interessa é o fato de que as defesas não pertencem apenas ao indivíduo, sim fazem parte do grupo sendo transmitidas de geração para geração. A mesma situação descrita ocorre com o masoquismo erógeno originário, esta estase libidinal silenciosa e abúlica carente de representação psíquica, que encontra sua via de transmissão na escuridão do inconsciente.

### **3) Rapsódia de Agosto**

Passemos, depois destes conceitos preliminares rapidamente revisados, ao nosso fato clínico, o filme de Akira Kurosawa, Rapsódia de Agosto. Sempre que, sobre uma obra de arte incide o nosso olhar psicanalítico devemos lembrar ao leitor e nos escusar diante dele pelo reducionismo que tal ação decreta. Trata-se de uma verdadeira obra

prima que se presta às mais amplas divagações, inclusive a psicanalítica.

Estamos no ano de 1990, na cidade japonesa de Nagasaki. Quatro adolescentes, a terceira geração, passam suas férias de verão com a avó, a primeira geração. O avô falecera há 45 anos, por ocasião da bomba atômica sobre Nagasaki. A segunda geração, os pais dos adolescentes, está em Honolulu, no Havai, visitando um tio irmão da avó emigrado em 1920 que enriquecera com o plantio de abacaxis. Este tio distante encontra-se doente e esta é uma das razões da visita. A outra, talvez a mais real, é a ambição da segunda geração que deseja de alguma forma participar das riquezas do parente distante.

Os quatros adolescentes estão reunidos na sala de estar com a avó. Tentam tocar algumas velhas canções no velho órgão que pertencera ao avô (lembramo-nos aqui do referido acima sobre os que têm a incumbência de contar as histórias e refazer os mitos). O velho órgão encontra-se estragado e necessita de reparos. Novamente não podemos deixar de pensar que por alguma razão, talvez a referida estase pulsional tóxica, o órgão-aparelho psíquico necessita de reparos para refazer os fatos e dar continuidade à vida significando a história. Se isto não ocorrer o velho órgão-aparelho psíquico permanecerá silencioso incapaz de promover o irrepresentável à ordem significativa humana. A memória da avó, como o antigo órgão, está perturbada. Não lembra do irmão que emigrara há 70 anos. Na sala de estar, acompanhada pelos adolescentes, começam surgir as lembranças de sua história: a família, os pais, os irmãos e, finalmente, a catástrofe. O trabalho é uma verdadeira reconstrução psicanalítica.

Como com qualquer processo de reconstrução, a angústia mostra-se ruidosamente. Já vimos como tais afetos, aparentemente livres de significado, são expressões de Eros que reclamam o sentido perdido.

Pressionados por tal angústia em busca de significado, as visitas ao local do holocausto se sucedem. Deparam-se, então os adolescentes, com restos de construções e esculturas de corpos esfaçalhados. A própria história dos meninos representantes da terceira geração, isto é daqueles a quem cabe o dever da reconstrução, encontra-se partida. A homenagem internacional aos mortos é testemunhada pelos inúmeros monumentos que reverenciam a dor, inclusive os do Brasil. É o corpo dividido de Lacan, como testemunho do registro da desconstituição dos registros.

Novos encontros com a avó prosseguem o trabalho de reconstrução e elaboração. A velha senhora quer reconstruir a árvore genealógica da família. Nomeia seus irmãos com o intuito de encontrar onde se situa o irmão que migrara. A situação traumática retorna novamente através de um deles que, ainda moço desafiara o pai, amancebando-se com uma mulher casada. Ambos, contrariando as ordens paternas foram morar numa casa isolada numa montanha próxima. Perseguidos pela culpa, o casal se suicidara, portanto, uma nova catástrofe. Os adolescentes, como já haviam feito com o local onde a bomba caíra, visitam o lugar do novo sinistro. Tudo passa a ser fantasmagórico. É o retorno do familiar (*Heimlich*), isto é do íntimo, através do sinistro (*Unheimlich*) (Freud 1919h), como tentativa de elaboração do trauma. A velha avó recorda-se então do irmão mais moço que após o holocausto se transformara. Ficara estranho, encerrado num quarto a desenhar repetidamente olhos. Estes passam agora a pertencer ao imaginário dos meninos. São reproduzidos pelos mesmos que passam a divisá-los nos rostos de alguns animais. O espectro é ameaçador, assusta o grupo que intui o sentido de uma próxima revelação. Uma cena estranha atravessa estes fatos. A avó recebe visitas de amigas que sofreram o mesmo horror da bomba.

Ficam, para a surpresa dos adolescentes, horas diante uma das outras, agachadas, balançando-se ritmicamente em completo silêncio. Existem silêncios que dizem mais do que a palavra sentença a avó. Contudo os adolescentes necessitam de palavras no lugar do silêncio. Se refletirmos sobre esta última cena descrita, podemos pensa-la no sentido de nos defrontarmos com o fato de que inevitavelmente o concerto do velho órgão passa pelo afeto e pela palavra. Aquilo que se expressa num mutismo, no negativo é o resultado da função desobjetalizante da pulsão de morte, como propõe André Green.

Eis, porém, que a segunda geração retorna das férias. Sobreadaptada, pensa nos ganhos que podem resultar da viagem feita. A ambição dos pais dos adolescentes é enriquecer e vivem com irritação as inquietudes dos filhos e da velha avó. Logo depois do retorno dos mesmos, chega um dos filhos do velho tio que migrara para o Havai há 70 anos. Clark também deseja conhecer os fatos do holocausto e está em busca de suas origens. Para o constrangimento da segunda geração, quer visitar o local da bomba, falar com a velha tia para saber do acontecido, reconstruir o antigo órgão-memória familiar, porém o imprevisto ocorre e Clark é chamado às pressas para casa, seu pai falecera.

É muito interessante refletirmos sobre este fato atual e o que, do nosso ponto de vista, ele desencadeia. Todas as condições estão criadas para que o afeto desencadeado não seja a angústia sinal necessária que levaria a uma reflexão. Este fato torna atual na velha avó a angústia traumática vivida por ocasião da bomba. A noite é chuvosa, cheia de relâmpagos. Por trás da montanha, a avó depara-se com o olho confundido com as nuvens e estas por sua vez com o cogumelo atômico. O forcluido retorna como o pictograma originário de Piera Aulagnier. Desta alucinação terrorífica não há o que se possa fazer senão fugir em



desabalada carreira. O olho que subtrai, apóstolo da morte, introduz o corpo despedaçado no interior do grupo. Todos correm, alguns para fugir de uma suposta alucinação coletiva, outros para proteger os que fogem. A cena torna atual o provável trauma por ocasião da bomba. Quantas gerações ainda serão necessárias para a elaboração da catástrofe? Quantas psicoses forcluidas serão necessárias até que as velhas cantigas, lendas e mitos, isto é, a ordem simbólica recupere seu devido lugar?

Talvez uma das suposições mais instigantes desta reflexão seja o destino da pulsão (Freud 1915c) quando não transformada em representação de afeto ou representação de objeto. Esta estase pulsional irrepresentável teria o poder silencioso de uma metástase cancerígena? Não podemos esquecer que para Freud (1920g) os tumores, assim como as células genésicas, são expressões deste narcisismo absoluto, as primeiras voltadas para a morte, enquanto que as segundas, para a vida.

#### **4) Conclusões**

Todas estas questões adquirem relevância atual, pois, novamente a partir de Freud, perguntamo-nos quais são as origens das nossas neuroses, das nossas psicoses e das nossas neuroses tóxicas e abúlicas isto é, seguindo Botella, daquelas afecções que se degradam no abismo do irrepresentável. Freud, no final do século XIX, nos seus escritos sobre a histeria, rompeu definitivamente com a lógica cartesiana, "penso logo existo". No seu lugar apareceu como o início de um longo caminho, o "existo onde não penso". A noção de "*Nachträglichkeit*", traduzida para o português por Luiz Hanns (1996) como ação deferida, "a posteriori" ou como querem os franceses, "*après-coup*", nos introduz

na dialética da eterna busca da causa primeira, isto é, o golpe ou o trauma, sem jamais atingi-la, pois sempre encontramos existência onde não pensamos

Pois bem, encontramos-nos diante de uma "*Nachträglichkeit*" grupal, trans geracional ou se desejarmos aprofundar ainda mais, da espécie. De uma certa forma, já antevíamos esta situação, principalmente no que diz respeito ao grupo e as gerações, quando o imaginário da velha avó passou a pertencer a este mesmo grupo. Todos se ocuparam da tentativa de elaboração do trauma. O importante destas considerações é que concluímos que estamos sofrendo um descentramento progressivo de nós mesmos. Do ego percepção-consciência cartesiano, para um ego consciência-inconsciência, um Eu ego-id-superego e finalmente para um Eu grupo-espécie. O mesmo Freud, visionário genial, na sua *Interpretação dos Sonhos* (1900a), que festeja mais de cem anos de publicação, nos dá uma pista sobre este descentramento do indivíduo num sujeito da espécie, quando afirma: "*O sonhar em seu conjunto é uma regressão à condição mais primitiva do sonhante, uma reanimação de sua infância, das moções pulsionais que o governavam naquela época e dos modos de expressão que dispunha. Além desta infância individual, podemos também alcançar uma perspectiva sobre a infância filogenética do gênero humano, da qual o indivíduo é de fato uma repetição abreviada, influída pelas circunstâncias contingentes de sua vida. Percebemos quão acertadas são as palavras de Nietzsche: "No sonho segue atuando uma antiquíssima relíquia do humano que já não se pode alcançar por caminho direto"; isto nos move a esperar que mediante a análise dos sonhos haveremos de obter o conhecimento da herança arcaica do homem, do que há de inato em sua alma. Parece que o sonho e a neurose, conservam para nós, da antigüidade da alma, mais do que*

*poderíamos supor, de sorte que a psicanálise pode reclamar para si uma alta posição entre as ciências que se esforçam por reconstruir as fases mais antigas e obscuras do começo da humanidade”.*

Podemos discutir a afirmação acima sob vários ângulos. O primeiro proveniente do próprio Freud quando amplia sua concepção dos sonhos. *‘Estes sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo desenvolvendo a angústia cuja omissão constitui a causa da neurose traumática’*(1920g). Relacionando as duas afirmações, perguntamo-nos qual a origem ou origens do estímulo a ser dominado através da representação da angústia e, posteriormente, da do objeto? Uma resposta para esta questão também poderá ser encontrada em outra afirmação de Freud (1926d-capítulo VIII): *“Porém com isto não temos afirmado nada que pudesse assegurar à angústia uma posição excepcional entre os estados afetivos. Opinamos que também os outros afetos são reproduções de sucessos antigos, de importância vital, pré-individuais talvez mesmo, como ataques histéricos universais, típicos, congênitos, os comparemos aos ataques da neurose histérica, que se adquirem tardia e individualmente, ataques estes últimos cuja gênese e significado de símbolos mnêmicos nos foram revelados com nitidez pela análise. Seria muito desejável, desde logo, que esta concepção pudesse ser aplicada de maneira probatória a uma série de outros afetos, fato este que hoje se encontra muito distante de nós ”.* Assim, para Freud, a origem do estímulo carente de representação encontra-se degradado também no irrepresentável da filogenia e necessita do contexto para que, através da ontogenia, adquira seu significado simbólico. Se tomarmos as sugestões de feitas acima por David Maldivsky de transmissão psíquica além das genéticas, compreendemos que traumas podem tornar-se pesadelos nas gerações seguintes e que estas são as formas de tornar representável o irrepresentável da estase pulsional

tóxica, conseqüência da degradação traumática dos registros. Outra sugestão muito próxima do que aqui estamos examinando, nos é feita por Botella (2002), quando nos sugere que o pesadelo figurado pelo analista é uma tentativa de dar representação ao até então irrepresentável. Assim, para este autor”, *a utilização do efeito da implosão da percepção pelo ego que está despertando, na figuração de um pesadelo, é uma violenta defesa contra o risco da não-figuração; a “força sensorial” da alucinação do pesadelo, uma performance necessária para a sobrevivência do psiquismo*”. Isto nos remete diretamente ao olho-nuvem-cogumelo, alucinação coletiva pela qual o grupo encontra o despertar de sua estase libidinal tóxica, ingressando desta maneira terrorífica na ordem significativa humana.<sup>4</sup>

Enfim, para finalizar este trabalho, resta-nos a infindável questão sobre a origem das nossas neuroses, psicoses e neuroses tóxicas. O enigma desta situação remete-nos diretamente para o insondável da origem do nosso psiquismo. Quais e quantos mitos ainda serão

---

<sup>4</sup> Nota inserida em maio de 2003: na página 150 (1912-13), Freud assim se refere à elaboração transgeracional: *“assim, no curso de largas épocas pode ceder o rancor ao pai..., e crescer o anseio ao mesmo...”*.

construídos sobre os nossos traumas passados e contemporâneos para que Eros mantenha a sua permanente ação vitalizante?<sup>5 6</sup>

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- 2 BOTELLA, César & Sara: "*Irrepresentável*", Porto Alegre,  
1. Editora Criação Humana, 2002.
- 2 CASTORIADIS-AULAGNIER, Piera. "*La violencia de la*  
.2 *Interpretación*", Buenos Aires, Amorrortu editores, 1997.
- 2 FREUD, Sigmund BREUER, Joseph (1895d): "*Estudios sobre*  
.3 *la Histeria*". In: Sigmund Freud- Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 2.
- 2 FREUD, Sigmund (1900a): "*La Interpretación de los*  
.4 *Sueños*". In: Sigmund Freud- Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol. 4-5.

---

<sup>5</sup> Nota inserida em maio de 2003: segundo Kaës existe uma "necessidade de *transferir-transmitir* para um outro aparelho psíquico o que não pode ser mantido e albergado no próprio sujeito, ou entre sujeitos ligados entre si por uma forte aliança de interesses inconscientes". O referido autor cita P. Legendre (1985) que discute a questão da transmissão psíquica sob o prisma antropológico e jurídico. De acordo com este último existiria mais uma necessidade de transmitir do que transmissões de conteúdo, embora uma não consiga se processar sem a outra. (R. Kaës, 2001: a transmissão da vida psíquica entre gerações, p. 16-7). Todas estas considerações estão de acordo com o referido por P. Aulagnier quando se refere à necessidade de representar (A violência da interpretação, 1975). O interessante é notar que Freud, referindo-se a William Robertson Smith (1912-13, p.137) destaca a necessidade intrínseca do ato de comer antes do seu significado religioso em si. Talvez exatamente neste sentido que podemos compreender o referido pelo primeiro autor quando diz (p.22) que "*dispositivo terapêutico do grupo pode colocar em obra o processo vivo de transmissão da herança psíquica*", isto é, da difração. Cabe também aqui o dito de Freud (1912-13 p. 160): "*nos é lícito supor que nenhuma geração é capaz de ocultar a que se segue seus processos anímicos de maior significação. A psicanálise nos ensinou que cada homem possui em sua atividade mental um aparelho que permite interpretar as reações de outros homens (Apparat zu deuten), isto é, de retificar as desfigurações de suas moções de sentimentos*".

<sup>6</sup> Nota inserida em maio de 2003: Ao estudar com mais atenção o capítulo V do texto freudiano "Psicologia das Massas e Análise do Ego" dei-me conta da semelhança dos estados de pânico ali descritos com a angústia traumática dos indivíduos sob neurose traumática. Esta comparação e maior aprofundamento deve ser feita com o trabalho "Inibição Sintoma e Angústia", principalmente se supusermos que a "alma das massas" é uma projeção, ou melhor, outro espaço no qual é tramitado o narcisismo. Trata-se de um verdadeiro "*corps morcelé*" do grupo.

- 2 \_\_\_\_\_ (1905d): "*Tres Ensayos de la Teoría Sexual*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.7.
- 2 \_\_\_\_\_ (1912-13): "*Tótem y Tabú*". In: Sigmund Freud- Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.13.
- 2 \_\_\_\_\_ (1915c)": "*Pulsiones y Destinos de Pulsión*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.14.
- 2 \_\_\_\_\_ (1917e): "*Duelo y Melancolía*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.14.
- 3 \_\_\_\_\_ (1919h): "*Lo Ominoso*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.17.
- 4 \_\_\_\_\_ (1920g): "*Más allá del Principio del Placer*". In: Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.18.
- 5 \_\_\_\_\_ (1921c): "*Psicología de las Masas y Análisis del Yo*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires Amorrortu editores, 1988.Vol.18.
- 6 \_\_\_\_\_ (1923b): "*El Yo y el Ello*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires Amorrortu editores, 1988. Vol. 19.
- 7 \_\_\_\_\_ (1924c): "*EL Problema Económico del Masoquismo*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires,

Amorrortu editores, 1988. Vol.19

8 \_\_\_\_\_ (1925h): "*La Negación*". In: Sigmund  
.1 Freud-Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores,  
4 1988.Vol.19.

9 \_\_\_\_\_ (1926d): "*Inhibición, Síntoma y*  
.1 *Angustia*". In: Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires,  
5 Amorrortu editores, 1988. Vol.20

1 \_\_\_\_\_ (1950a): "*Proyecto de Psicología*". In:  
.1 Sigmund Freud-Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores,  
6 1988. Vol.1

1 \_\_\_\_\_ (1950a): "*Carta 52*". In: Sigmund Freud-  
17 Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.1

1 \_\_\_\_\_ (1941f): "*Conclusiones, ideas, problemas*".  
18 In: Sigmund Freud - Obras Completas, Amorrortu editores, 1988.  
Vol.23

1 \_\_\_\_\_ (1950a): "*Manuscrito GR*". In: Sigmund  
19 Freud-Obras Completas. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1988. Vol.1

1 GREEN, André (1993): "*El trabajo de lo negativo*". Buenos  
20 Aires, Amorrortu Editores, 1995.

3 HANNS, Luiz: "*Dicionário Comentado do Alemão de Freud*". Rio  
21 de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1996.

2 LACAN, Jacques (1949): "*El estadio del espejo como formador*  
22 *de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia*  
. *psicoanalítica*". In: Escritos 1. Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores,  
1984.

4 MALDAVSKY, David: "*Estructuras narcisistas: constitucion y*

23 *transformaciones*". Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1986.

2 MALDAVSKY, David: "*Linajes abúlicos: procesos tóxicos y*  
24 *traumáticos en estructuras vinculares*". Buenos Aires, 1996.

25 WINNICOTT, Donald (1963): "*O medo do colapso*  
(*breakdown*)" Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1994.

26 WINNICOT, Donald (1967): "*O Papel de Espelho da Mãe e da*  
*Família no Desenvolvimento Infantil*". Rio de Janeiro, Imago Editora  
Ltda, 1975.